

Certos pensamentos
são orações. Há momentos em que o corpo, qualquer que seja a sua atitude, está de joelhos.

Víctor Hugo

ANO V — N.º 111
MARÇO
31
1957

A Voz do Algarve



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216

LOULE

INSTRUIR E EDUCAR

PASSOU-NOS, há anos, pelas mãos e sob a vista uma coleção de livros cujo conjunto formava o ciclo da instrução primária em França. A matéria estava distribuída por sete classes, numeradas em sentido descendente, começando-se portanto na sétima para acabar na primeira classe.

Interessou-nos bastante o conteúdo dessa matéria, pois dele constava apenas o que era essencial à vida do homem, sem a preocupação de formar sábios nem a ideia de oficializar a ignorância. A distribuição era feita pelas classes tendo em conta o desenvolvimento da inteligência da criança, numa graduação que permitia a subida em rampa suave, chegando-se ao fim sem cansaço nem fadiga, mas com uma dose de conhecimentos perfeitamente sólida e equilibrada. Via se que a pedagogia intervinha a cada passo, pois tanto no método como em processos nunca se forçava o aluno ao salto e à surpresa, e muito menos ao apelo da memória para retenção de matéria abstrata. As ciências eram ministradas em lições de coisas, umas ao ar livre outras em gabinete, conforme a natureza do assunto. Até a cor do papel era tomada em muita

conta para evitar doenças dos órgãos visuais.

Não fiquei, porém, a saber, ante o programa, se aquele conjunto era considerado base para admissão ao liceu ou se em qualquer altura havia de rivantes para esse e para outros ramos do ensino, hipótese esta absolutamente aceitável, atendendo à vastidão da matéria.

Somos do tempo da nossa antiga «escola régia», cujo ensino estava nas mãos da velha pedagogia, onde se aprendia em quatro classes o julgado suficiente para aquilo que hoje reclama o curso dos liceus. Com a quarta classe ascendia-se a chefe de secretaria, a chefe de secção, a escrivão-notário, etc., e não se diga que as coisas andavam tão mal

(Continuação na 2.ª página)

Transportes para a Estação

SABIDO, como é, que as automotoras Lisboa-Algarve e vice versa, iniciam a sua carreira no dia 31 do corrente a todos os louletanos ocorre a pergunta:

— Então e para ir à estação? E por toda a parte se ouve um clamor: — À EVA devia fazer as carreiras de ligação!

Ora o problema tem de se equacionar com calma, equidade e ponderação. Não há dúvida que o concelho de Loulé, deve à Empresa de Viação Algarve, um sistema de interligações que é a base do seu fomento económico. Pode mesmo dizer-se, que a EVA representa um serviço de interesse social, económico

(Continuação na 2.ª página)

Transcrições

NEM TANTO AO MAR...

DO nosso prezado colega da capital, o diário «A Voz», de 26 do corrente, transcrevemos com vénia o interessante e judicioso artigo publicado na sua secção «comentário».

Vale por si e é pena que, ou por politiquice ou por falta de política, a juventude a quem, dentro de poucos anos compete dirigir as nações, atinja o alheamento a que chegou quanto aos grandes problemas dos seus países.

«Ter como principal preocupação a política é sem dúvida um mal. O excesso da política tem prejudicado muito os países, que dessa moléstia padeceram. Portugal e

todos os países latinos disso colheram não pequenos prejuízos. Mas abandoná-la de todo é outro mal. Ficam só em campo os aventureiros e os sinistros agentes do extremismo antinacional.

Ora na nossa idade se está a caminhar para esse inconveniente. Lemos que em França se fez um inquérito entre 3.500 recrutas, provenientes de 11 cantões e pertencentes a variadas profissões e classes sociais: estudantes, operários, empregados públicos e particulares.

Versou o inquérito sobre assuntos de política e rudimentos da vida administrativa da França. E os resultados do inquérito revelaram

(Continuação na 3.ª página)

Récita de amadores em FARO

É já no próximo dia 8 de Abril que será apresentada na nossa vizinha cidade a magnífica peça «Prémio Nobel» que um grupo de amadores de teatro farenses teve a feliz ideia de levar à cena com o duplo objectivo de angariar fundos para o seu Hospital e promover o ressurgimento de uma arte já quase esquecida na Província.

Creemos que o êxito desta iniciativa está antecipadamente assegurado dado o valor indiscutível da peça e ainda porque a sua interpretação está confiada a amadores que sabem desempenhar muito bem o seu papel.

Fazemos votos por que este e bem é rito espectáculo obtenha os profícios resultados que merece e esperamos que Loulé seja incluído nas localidades onde cremos se projecta levar à cena esta récita.

LOULÉ na posse do Chefe do Distrito

Por lapso do nosso redactor em Lisboa, o jornalista Luís Sebastião Pires, não foram mencionados, na reportagem da posse, no Ministério do Interior, do Sr. Governador Civil, os senhores José João Ascenção Pablos, ilustre vice-presidente do município, Dr. Manuel Cabeçadas e Francisco José Ramos e Barros, representante da Santa Casa da Misericórdia que, propostamente, se deslocaram a Lisboa, aonde foram levar a presença do nosso concelho.

Conheça a nossa terra

«Todo o litoral algarvio, radiante de claridade, doído pelo Sol, rendilhado de espuma alvacentra, é um poema de beleza divina, cenário imponente e inconfundível, onde a luz e a cor se combinam em magistras sinfonias.» — Julião Quintinha

Pelo Hospital da Misericórdia

SABE a população da vila que, nos últimos tempos,

os serviços do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Loulé têm aumentado, não só porque é frequente ouvir-se dizer a qualquer hora, que o Dr. Cabeçadas está a operar, como também porque, quem passa à Avenida de Marçal Pacheco nota, quase sempre maior movimento nas proximidades da Misericórdia.

No entanto essa impressão não passa de campo conjectural para quem não tenha contacto suficiente com os serviços e por isso, no intuito de elucidar a população e principalmente aqueles que, com a sua generosidade, têm contribuído para o desenvolvimento e manutenção da instituição, pedimos à Mesa uma pequena resenha do que tem sido a actividade hospitalar nos últimos seis meses — de Setembro de 1956 a Fevereiro último.

Eis os números:

Internamentos — Foram internados 208 doentes, o que dá a média de 34 por mês.

1.900 contos

para a Colónia de Férias da F. N. A. T. em Albufeira

A adaptação do edifício da F. N. A. T. da Praia de Albufeira a Colónia de Férias para Trabalhadores, importará nessa elevada quantia, devendo as obras começar brevemente segundo informações vindas a público.

Obra dos Sapais de Alvor

PELA Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos continuam a ser intensificados os trabalhos de construção da Obra hidroagrícola dos Sapais de Alvor, entre Lagos e Portimão, no Algarve, que se destina a beneficiar 1.800 hectares de terras, ao longo dos cursos inferiores das ribeiras de Odeáxere, do Arão, do Farelo e da Torre, compreendendo obras de defesa, de enxugo, de dessalgamento e de rega de terras doces, de terras salgadas e de sapal.

Na ribeira de Odeáxere e no local designado por Bravura, será construída uma baragem-abóbada de betão, cuja empreitada foi recentemente adjudicada, juntamente com a construção da tomada de água da albufeira e o troço inicial do canal condutor geral, pela importância de Esc. 16.422.895\$70.

Foram também já adjudicadas a construção da rede primária de rega, a jusante da central hidroeléctrica, por Esc. 12.492.434\$00, e empreitadas subsidiárias, de construção de estradas de acesso e de edifícios, num total de 1.511.074\$.

Encontrava-se já em concurso a empreitada de fornecimento e montagem dos equipamentos da central hidroeléctrica de Odeáxere, o qual terá lugar em 24 do próximo mês de Abril, sendo a base de licitação de 1.900.000\$00.

dos quais 145 entraram como pobres.

Consulta externa — Estão registadas observações (consultas) em 843 doentes, dos quais 467 gratuitamente, tendo pertencido, destes, 419 ao director clínico.

Movimento operatório e banco — De 282 interven-

cões de grande cirurgia registradas, 204 foram gratuitas e fizeram-se no banco 2.050 tratamentos.

Anota-se que o bloco operatório foi, durante estes seis meses, apetrechado com a aparelhagem necessária à segurança dos serviços: aparelho (Continuação na 3.ª página)

de grande cirurgia registradas, 204 foram gratuitas e fizeram-se no banco 2.050 tratamentos.

Anota-se que o bloco operatório foi, durante estes seis meses, apetrechado com a aparelhagem necessária à segurança dos serviços: aparelho

(Continuação na 3.ª página)

Santuário N.º Senhora da Piedade

OS ilustres arquitectos srs. José Maya Santos e Nereus Fernandes, respectivamente, membros do júri e 2.º classificado (2.º por não haver 1.º) no concurso para o projecto do Santuário de Nossa Senhora da Piedade, recebemos as cartas que a seguir gostosamente publicamos.

Como elas se referem ao artigo saído no nosso n.º 107, desejamos confirmar que o aludido artigo exprimiu uma opinião meramente pessoal e não teve a pretensão de interpretar o critério, declarações ou propósitos do júri, cujas razões o artificulista não conhecia em pormenor. Ficou-lhe o mérito de provocar as duas interessantes cartas.

Não houve — estamos autorizados a dizer-lhe — intenção de apreciar qualquer dos projectos, mas de exprimir uma reação contra certos excessos do modernismo que na pintura, na escultura, na arquitectura e na música, parecem querer traduzir interpretações patológicas da vida e dos sentimentos que, em boa verdade, apenas rogaram, como tendência, certos pormenores de alguns projectos.

Pois não exteriorizam um tanto de loucura o rock and roll, os pés e mãos monstruosas perante as quais se extasiavam os apreciadores dessas imagens que parecem ter sido trasladadas de gravuras de doentes de elefantiasi, dos livros de patologia médica?

O arquitecto sr. Maya Santos interpretou com felicidade a frase «o mínimo de transfiguração com o gosto comum» por «o mínimo de inteligibilidade» pelo comum.

Realmente quando o homem comum, de mediana cultura, não entende uma obra de arte (já não dizemos não a sente) é porque alguma coisa está errada e em nosso entender (também é opinião pessoal) ou a obra e os seus admiradores são anormais, patológicos, ou o autor gosta a toleira dos snobs. Quando a maioria estiver, sinceramente, a seu lado, então sim, tal qual como quando 60% das pessoas nascem com um olho só, passará a ser fenómeno patológico ter dois. Será afirmação atrevida, mas... os gostos não se discutem.

Sómos já fora da apresentação das duas cartas, contra os nossos propósitos e entramos, sem o querer, em generalidades que nada tem a ver com o concurso e com os projectos e encerramos este aportamento esclarecendo que só por deficiente informação ou por má interpretação, se atribuiu representação oficial no júri, do Movimento de Renovação da Arte Religiosa.

Lisboa, 19 de Março de 1957

Ex.º Sr. Director

Publicou o jornal que V. Ex.º dirige, na sua edição n.º 107 de Março corrente, sob a epígrafe Santuário de Nossa Senhora da Piedade, um artigo em que se procura esclarecer e informar o público acerca da projectada construção daquele Santuário dando conta do resultado das reuniões do Júri encarregado de apreciar os ante-projectos de concurso levado a efecto pela Diocese de Algarve e tocando algumas considerações a propósito do tema Arte Religiosa.

Parecendo-nos que, além de inexatidões, o artigo em questão se prestava a interpretações duvidosas, tanto acerca do concurso referido como (Continuação na 4.ª página)

Ex.º Sr. Director
de «A Voz de Loulé»

Li no V. conceituado Semanário de 3 do corrente, um artigo referente ao concurso para um Santuário a N.º Sr. da Piedade a ser erguida nos arredores dessa Vila.

Na qualidade de concorrente e com o fim de esclarecer certos pontos de vista focados nesses artigos, venho pedir a V. Ex.º me deixe roubar umas linhas do V. precioso jornal com a publicação desta carta.

Todos nós sabemos muito bem da influência de um artigo de jornal na opinião pública. Eu mesmo sei por experiência própria por em tempos de estudante ter colaborado em jornais da juventude (Continuação na 4.ª página)

Monumento ao Dr. Bernardo Lopes

REUNIU-SE no dia 22 do corrente a Comissão Executiva Pró-Monumento ao grande médico e dedicado amigo dos pobres que em vida se chamou Dr. José Bernardo Lopes, cujo falecimento deixou uma lacuna difícil de preencher no meio louletano e uma saudade profunda em todos os habitantes, rico ou pobre, pequeno ou grande, velho ou novo desse povo e morigerado concelho, porque a todos ele acolhia com igualdade e carinho.

Não admira por isso que a ideia de lhe erigir um monumento condigno, na terra onde durante 56 anos consecutivos exerceu a sua profissão de maneira mais abnegada, como se exercesse um sacerdócio nunca calculando o estipendio para prestar a sua assistência, nunca se poupando a fadiga para exercer a sua missão.

Assim a ideia brotou viva, latente, num desejo muito forte e sincero de conseguir que uma memória fique numa das praças ou avenidas desta vila a atestar aos vindouros a gratidão de um povo por quem tão desveladamente se esforçou sempre por lhe evitar dores e sofrimentos.

Como médico foi um incansável e indefeso trabalhador, aliando ao trabalho constante e persistente os primeiros de uma inteligência viva e sempre em actividade, dedicando ao es-

trado em que a sua profissão de um Colégio. Acompanhava-o sua irmã, Sr. D. Amélia Durão Alves, e regressavam de uma visita que tinham feito a outra irmã, senhora religiosa, que dirige o Asilo de Nossa Senhora de Fátima, de Olhão, mais vulgarmente conhecido no Algarve por: «Asilo do Rev.º Cónego Delgado».

Satisfeitos e despreocupados do grande perigo que corriam, reviviam certamente os agradáveis dias de convívio (Continuação na 4.ª página)

Trágico desastre de viação

NA passada 4.ª feira, cerca das 9 horas, seguia para Torres Novas, onde residia, o Rev.º Padre Durão Alves, 66 anos, Prior naquela localidade, de onde também exercia funções de professor de um Colégio. Acompanhava-o sua irmã, Sr. D. Amélia Durão Alves, e regressavam de uma visita que tinham feito a outra irmã, senhora religiosa, que dirige o Asilo de Nossa Senhora de Fátima, de Olhão, mais vulgarmente conhecido no Algarve por: «Asilo do Rev.º Cónego Delgado».

Satisfeitos e despreocupados do grande perigo que corriam, reviviam certamente os agradáveis dias de convívio (Continuação na 4.ª página)

Loulé... em retrato

FALECEU a D. Ernestina que foi, em Loulé, chefe dos Correios, durante mais de 36 anos!

Facto que poderá parecer vulgar, hoje, que o ritmo veloz da vida impõe uma consideração quase meteórica dos casos que acontecem, merece, no entanto, um relevo especial.

Numa época em que as notícias emocionantes se sucedem e, por vezes, as mais chocantes e desencontradas, quase não há lugar para recordar a vida dos mortos!

Mas porque a vida desta senhora, durante tantos anos, na sua profissão de destaque num meio em que todos se conhecem, se exerceu e pela forma e significado humano que sempre soube dar ao seu exercício, merece algumas passagens de exaltação, de admiração e reconhecimento.

E que, quando a função de servidor do público, seja qual for o cargo, é exercida com bondade, tolerância, compreensão das formas de reagir dos clientes e adaptação dos regulamentos às necessidades dos mesmos, tem o seu quê de humano e impõe-se pelo seu alto significado de solidariedade.

Quantas vezes, esta boa senhora, ultrapassando a gentileza e paciência que os regulamentos lhe aconselhavam, recebia uma encomenda fora de horas, porque era uma mãe extremosa que queria que a mesma fosse entregue ao filho no prazo mais curto!

Quantas vezes era a própria senhora que, a gente pobre e humilde, cheia de santa paciência, atava ou ensinava a atar um embrulho, para que se confinasse dentro das normas precisas para ser aceite!

Quantas vezes, em casos de doença grave ou de morte de pessoas de família, a senhora colaborava com a aflição de quem a procurava para expedir um telegrama cujo enden-

reço, por vezes, era mais que insuficiente ou deturpado!

Quem é que na vila e nas duas freguesias que compunham a área servida pelos C. T. T. de Loulé, não conhecia a senhora D. Ernestina!

Quanto humanismo não houve sempre no atendimento do público, nos tempos difíceis das greves e barafundas, para saber onde parava uma carta, um vale, ou uma encomenda!

Muitas vezes, gente humilde, se referia à bondosa chefe dizendo: «A senhora que está nos correios!»

Dentro do rigor das normas e regulamentos que a Administração nos impõe, há sempre lugar para um acto de bondade, que, não contrariando essencialmente o dever, pode ultrapassá-lo em benefício da colectividade ou do seu semelhante.

E quando o funcionário pratica com frequência actos desses, significa-se porque o conteúdo da sua missão exerce-se para além da obrigação, para se integrar num acto de humanidade, porque representa um sentido de servir em que não há apenas o cumprimento de uma finalidade, mas um alto espírito de compreensão, cada vez mais raro nos tempos que vão passando.

E a senhora que morreu e que era tão conhecida em Loulé, merece bem este elogio póstumo porque foi a bondade em pessoa.

Talvez tantos a quem ela salvou, serviu e favoreceu não tivessem tido numa determinada altura—no momento de afastamento das suas funções—a compreensão que deviam ter, de quanto perdião nesse afastamento e da homenagem que lhe era publicamente devida, mas como se disse já, a velocidade da vida de hoje não deixa tempo para se agradecerem os primores de almas dos que se sacrificam pelos outros.

Reporter X

FURGONETA

Vende-se uma, marca Ford em muito bom estado, série 14, fechada, 600 kg

Tratar com Arlésio Castanho—Telefone 233—Loulé.

Automóvel

Por motivo de retirada, vende-se um automóvel VAUXHALL F G 24-35

Tratar com José Guerreiro Bexiga—Loulé.

Sr. comerciante

UMA carta é a representação máxima dum negócio e o intermediário entre o fabricante e o comerciante. Graças aos progressos da imprensa em colaboração com a fotografia, o desenho e a zincogravura, conseguem-se hoje conjuntos harmoniosos e de surpreendente efeito.

A tipografia é o progresso de reprodução mais perfeito no vasto campo da publicidade.

Se V. Ex.^a quizer, pode elevar o bom nome da vossa casa dando «categoria» às cartas que escreve e aos impressos que utiliza, desde que mande executá-las na Gráfica Louletana—Loulé.

Câmara Municipal de Loulé

EDITAL

José João Ascensão Pablos, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Loulé, no exercício da presidência:

Faz saber que, para cumprimento das disposições contidas no Decreto n.º 35.106, de 6 de Novembro de 1945, se convidam todos os interessados a, no prazo de 15 dias, requererem a ocupação das casas que, no Bairro para alojamento de Famílias Pobres, venham a ser desocupadas.

Os requerimentos devem ser apresentados no prazo estabelecido e neles os requerentes deverão mencionar o nome, estado, idade, profissão e salário relativamente a cada uma das pessoas que constituem o agregado familiar e bem assim o grau de parentesco com o chefe de família, além de outras circunstâncias justificativas de habitação, fazendo-se a comprovação da situação económica por meio de inquérito a levar a efeito pelos institutos coordenadores de assistência.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor que vão ter a usual publicidade.

Paços do Concelho de Loulé, 21 de Março de 1957.

O Vice-Presidente da Câmara, em exercício,

José João Ascensão Pablos

Meditação

Desperata.

O Sol já nasceu
E com ele vem a Bênção do Senhor.
Abre a janela e recebe-A em teu peito!
Já é dia, meu amor!
Desperata.
Cantam já as filomelas
O seu Hino ao Criador.
Abre a janela, não demores,
Já é dia meu amor!

J. Fonseca

INSTRUIR E EDUCAR

(Continuação da 1.ª página)

nesse tempo que os assuntos não fossem resolvidos a tempo e horas, e às vezes com muita inteligência. Por esse tempo havia poucos estudantes, mas havia muito quem lesse; hoje é o contrário.

Em boa verdade, as quatro classes dessa época pesavam mais que as de agora.

Se adregava o rapaz ir para o liceu, o que acontecia aí por volta dos doze ou treze anos, não carecia o neófito ir acompanhado de uma ama de leite nem de explicador, por quanto tinha a robustez física e mental para resistir aos contactos da rua e do corpo docente—novos contrastes da vida. Apesar do atraso na idade, a licenciatura não vinha retardada em relação à de hoje. Os professores desse tempo não eram todos maus como os de agora, no dizer dos alunos e paizinhos, num coro que faz pena, embora saibamos que muitos meninos tomam tudo a sério menos os mestres e as lições.

Com o tempo as coisas do ensino primário modificaram-se, modificaram-se os programas e modificou-se a orientação do ensino. Os programas foram aliviados e a orientação mudou de rumo em obediência a novas teses doutrinárias. Ai por volta de 1919 reconheceu-se que o ensino estava pobre, e então, num impulso de valorização, toca a elevar-lo, de o graduar em dois escalões, um primário geral com cinco classes, outro primário superior distribuído, salvo erro, por três anos. Triste fadário o deste último escalão, onde não só os programas foram vacilantes, senão ainda o cor-

po docente recrutado ao sabor do compadrio. Resultado: muitas das escolas criadas nem sequer chegaram a funcionar; outras, com professores deslocados de profissões alheias ao magistério, cairam na Torre de Babel—ninguem se entendeu.

O escalão primário geral também não foi muito feliz; começou por perder a quinta classe, depois reduzido apenas à terceira para efeitos de obrigatoriedade. Como isto colidiu com os programas, estes foram alterados e desprovvidos duma grande parte da matéria, sobretudo na terceira classe, não ficando sequer uma ponte de passagem entre esta classe e a quarta que, além de ameaçada de extinção, continuava com o programa antigo, completamente desarticulado da quinta classe, já então extinta e da terceira reduzida a pouco mais de metade. Por esta forma o escalão primário geral ficou em mangas de camisa com um programa de saber ler, escrever e contar e uma quarta classe facultativa e desarticulada. É neste estado que perdura, há cerca de vinte anos, o ensino primário que hoje se chama elementar, e que o Sr. Ministro da Educação está disposto a remodelar, para honra sua e benefício do País.

J. G. P.

Transportes para a Estação

(Continuação da 1.ª página)

e da maior utilidade pública, para o Concelho.

Isto, este reconhecimento nosso pelo serviço que a EVA nos presta, representa uma obrigação de agradecimento, de gratidão, de apoio e louvor à organização que nos proporciona comodidades e interesses que, sem ela, não teríamos ou teríamos em condições mais deficientes. Mas o Concelho de Loulé, tem correspondido e generosamente ao que a EVA, por ele tem feito.

A sua enorme população desentranhando se em múltiplas actividades fabris do género do artesanato tem contribuído para o desenvolvimento da EVA.

São as mulheres dos queijos, da obra de palha, de empreita, os homens dos paios, do peixe, das frutas e dos frutos—com dois dias semanais

de Bolsa, em Faro—são as meninas que, com as mamãs, vêm à loja, à cabeleireira, à sapataria, os sapateiros que vêm buscar sola e os demais artesãos que vêm levantar os materiais para as suas diferentes artes e ofícios, os passageiros dessas boas carreiras.

Assim, talvez seja concreto dizer:

A EVA vive de Loulé e Loulé vive da EVA.

Ora, se os interesses são confluentes, o da EVA do de Loulé e o de Loulé do da EVA, devem subestimá-los, compreender-se, desenvolver-se e aumentar-se.

Inicia-se hoje carreira de ligação rápida entre o Algarve e Lisboa.

Tal melhoramento representa para os Povos desta Província um melhoramento de alto interesse público que, como valorizante, do turismo regional e das actividades económicas, é inapreciável.

Loulé, para poder apreciar devidamente tal benefício carece de ligação directa da sede do concelho à estação onde passam essas automotoras.

E certamente a EVA, a quem os interesses e realizações de Loulé e do seu concelho têm merecido o melhor apoio, não deixará de compreender que é mais um serviço a prestar a Loulé, que é mais um elo de ligação amigo e conveniente a estabelecer entre interesses confluentes e comuns.

Sim, porque à própria EVA interessa não criar atritos, situações irredutíveis, mal-estar e má vontade.

E, até pode ser e isso seria o ideal, que a própria EVA numa ideia de generosa e preventiva iniciativa, tome a resolução de criar essas carreiras, antes que a C. P. ou a Câmara Municipal venham a reconhecer a necessidade de as darem de concessão, não só para as ligações às automotoras de Lisboa, mas a todas as outras que, diariamente, desviam de Loulé e do seu comércio, centenas de pessoas desde Bóliqueime a S. João da Venda.

R. P.

"NUFFIELD-UNIVERSAL"

O mais moderno

e completo

TRACTOR DE RODAS

Características principais:



Tractor «NUFFIELD-UNIVERSAL» modelo «DM-4»

Motor «BMC Diesel tipo «OEA/2», de 45 HP, 4 cilindros, desenvolvendo 43 HP no tambor de acionamento e 41 HP na barra de tração. Caixa de 6 velocidades: 5 para a frente e 1 para a rectaguarda.

Travão de mão para estacionamento.

Travões de pé independentes.

Arranque e instalação eléctrica (máximos, médios e mínimos) incluindo farol de lavoura e buzina.

Pneus: 7.50 X 18 com 6 telas à frente e 14 X 30 com 6 telas à rectaguarda.

Eixo das rodas da frente ajustável.

Rodas de trás ajustáveis.

Tambor de acionamento montado à esquerda, com embraiagem e conversão para a correia trabalhar para a rectaguarda.

Sistema hidráulico de 3 pontos de apoio para alfaia e básculas montadas.

Cortina de radiador e termômetro.

Barra de tração ajustável.

Conta horas.

Tomada de força.

Ferramentas e caixa para as mesmas.

Almofada.

Peso exterior montado à frente.

Manivela.

Espelho retrovisor e reflectores.

Peso do tractor 3.080 quilos.

Peso bruto reboçável autorizado 5.625 quilos.

Distribuidores exclusivos:

H. VAULTIER & C. A.

Telefone 239

9 Rue Conselheiro Bivar, 9-A

F A R O

A Voz de Loulé — Loulé
N.º 111 — 31.3.1957

Tribunal Judicial
Comarca de Loulé
ANÚNCIO

(2.ª publicação)

Pelo Juízo de Direito de Loulé, 2.ª secção, correm éditos de 30 dias, contados d. segundas e últimas publicações desse anúncio, citando o reu António Jorge, casado, joraleiro, ausente em parte incerta da Argentina, cuja última residência conheci da no sítio da Pereira, freguesia de Boliqueime, desta comarca, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, contestar a ação sumária que contra ele e sua mulher Beatriz Nunes movem os autores António da Costa Teixeira e mulher, Maria das Dores Guerreiro. Estes pedem na referida ação que os reus sejam condenados a reconhecerem o direito de propriedade perfeita dos autores sobre o prédio delimitado pela forma indicada nos artigos terceiro e sétimo da petição inicial; a cessarem e se absterem de quaisquer actos sobre terreno que, segundo tais linhas divórcios quer do norte quer do sul separam o prédio dos autores dos reus, pertença aos suspeitantes; a reconstruirem ou que à sua custa se façam, se no prazo a assinalar não cuidarem, o muro que aí destruiu, conforme se alega no artigo sexto, respondendo no estado em que se encontrava; a pagarem custas, selos e procuradoria condigna.

Loulé, 13 de Março de 1957.

O Chefe da 2.ª Secção
António Ilídio Assis da Veiga
Verifiquei:

O Juiz de Direito,
a) Marino Barbosa Vicente
Júnior

**PROPRIEDADES
VENDEM-SE**

2 propriedades no sítio da Varzea da Ponte da Tor, sendo 1 com terra de semear e regadio e 1 morada de casas e outra com terra de semear e figueiras

1 courela denominada «Curral da Pedra» junto à Ribeira da Tôr com alfarrobeiras e oliveiras.

1 courela de barrocal com alfarrobeiras, no sítio da Cruz da Assunção

Tratar com Manuel Dourado Martins Sousa Eusébio — Salir

**Associação de Assistência
À MENDICIDADE**

CONFORME prometemos e é nosso dever, a seguir damos um resumo das contas da nossa gerência do ano findo, cujos documentos estão à disposição dos nossos associados para devido exame e conferência, devendo depois serem enviados à aprovação das entidades competentes:

RECEITA

Saldo do ano anterior.	7.516\$70
Cobrança de cotas.	56.289\$00
Subsídio da C. M. de Assistência	1.000\$00
Idem do I. A. Família	11.999\$00
Idem do Governo Civil	12.000\$00
Idem da Câmara Municipal	12.000\$00
Idem do Socorro de Inverno.	500\$00
Donativos de particulares	1.805\$50
Donativo destinado ao Refeit. a construir	50.000\$00
	153.110\$20

DESPESA

Compra de artigos destinados às refeições.	89.124\$80
Despesas de higiene e limpeza	1.965\$00
Encargos de instalação	189\$50
Despesas de selos, impressos de cotas e expediente	230\$00
Gratific. ao cozinheiro.	3.600\$00
Comissão ao cobrador.	4.409\$60
	99.518\$90

Saldo para o ano seguinte:

Dep. na C. G. D. C. P. com destino no Refeitório.	50.000\$00
Em cofre	3.591\$30

153.110\$20

Além destas verbas, temos a acrescentar à receita, numerosas ofertas em artigos de vestuário, e calçado, arroz, pão, azeite, toucinho, grãos, fígos torrados, laranjas e ainda galinhos.

VENDE-SE

Uma propriedade, em Quarteira, denominada Almargem Grande, freguesia de Albufeira, limitada ao norte com o Morgado de Quarteira, ao sul com a Ribeira de Quarteira, a Nascente com Manuel da Ponte e ao Poente com os Herdeiros de Sebastião P. Faísca Teixeira.

Dirigir a A. F. Teixeira — Rua Reitor Teixeira Guedes, 47 — Faro.

Trespassa-se a secção de retalho desta firma

Por motivo de falecimento de um dos sócios e por outro não poder estar à frente das Secções de Retalhos e Atacado.

Casa com mais de 50 anos de existência e bem localizada. Dão-se facilidades de pagamento.

Tratar com Viúva de João Caetano de Sousa Leal ou António de Sousa Leal.

Empregado

Para armazém de mercadorias, com carta de ligérios, precisa-se.

Nesta redacção se informa.

Transportes de Carga Louletana, L.º



Largo Tenente Cabecadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

Rua de S. Mamede, 24 D. (ao Caldas)

Telefone 22437

Participamos aos nossos estimados clientes que a partir de 1 de Abril terão inicio os serviços da nossa Agência em Olhão, situada na Avenida 5 de Outubro, 22-A — Telefone 193.

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Nº 10

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do alemão por E. Rocha Gomes

zessem alguma coisa em paga de tanta servidão e, porque assim lhes parecia, muitos pensaram que os senhores estavam na mesma disposição e lhes dariam na mesma noite um presente qualquer, ou talvez o perdão dum castigo.

E com o coração a bater, reuniram-se na noite designada no pátio do castelo, onde esperaram muito tempo, debaixo das chufas dos criados debochados pelos exemplos recebidos nas terras heréticas e na própria casa. Desde sempre houve criados assim, e mesmo agora ainda aparecem destes vilões, que à sombra dum senhor se julgam com direito a espezinhar e a desprezar os laboriosos e bisonhos camponeses: em frente deles abriu-se o pesado portão; dentro, sentavam-se em volta dum sólida mesa de carvalho, os cavaleiros entrados de cintos escuros, com molossos bravos a seus pés, e a cabeceira o von Stoffeln, homem arrogante e membrudo, com um cabeçorra como um alqueire, na face barbaçuda, como que envolta numa juba de leão velho, abriam-se uns olhos como rodas de charrua.

Foi o cabo dos trabalhos, para que aquela gente entrasse; nenhum queria ser o primeiro e cada um empurrava o outro; os cavaleiros riam-se perdidamente sobre os picheis a espumar de vinho, e os cães fúriosos avançaram aos saltos; e que, quando estes veem membros trementes e hesitantes, julgam que esses membros pertencem a uma feroz peça de caça. Aqueles miseráveis não se sentiam nada bem, era como se estivessem ou-

Monumento

ao Dr. Bernardo Lopes

(Continuação da 1.ª página)

tudo horas seguidas para estar sempre a par dos avanços da ciência, que queria sempre acompanhar.

Como colega dispensava a todos os clínicos as deferências e atenções merecidas, que sempre timbraram por ser lhanas e afáveis.

Como cidadão e como chefe de família teve sempre a merecido consideração de todos os seus conterrâneos e familiares.

Não há por isso um único lhouetteano que não deseje contribuir para essa arca votiva da sua dedicação e respeito por tão benemérita personalidade.

De todos os pontos chegam contribuições — da localidade, das freguesias do concelho, de vários pontos do País, da capital, das províncias ultramarinas e do estrangeiro, sendo muito o trabalho da Comissão para receber e ordenar tantas verbas.

Passada que foi a época da Batalha de Flores, que fez entrar um pouco a atividade da Comissão, por serem quase comuns os seus elementos, retomam agora o pleno afã e iniciam todos os trabalhos necessários ao bom êxito da missão a que se impôz.

Vai ser activada a colheita das importâncias subscritas, organizam-se empreendimentos para produzir receita, e que ao mesmo tempo podem recrear o espírito e deliciar a sensibilidade artística da cada qual, pensa-se em escolher o local apropriado e digno para a ereção do monumento, e tudo isso será tratado publica e abertamente de modo a interessar a população em tão magno problema, como é justo.

Damos a seguir nota de mais contribuições que vamos recebendo:

Transporte	25.064\$50
Carlos Gregório Dias — Jamaica, 4 N. Y.	285\$00
Francisco Gonçalves Coutreiros — Almancil	50\$00
José Lopes Rodrigues — Loulé	50\$00
José Sebastião Teixeira — Benafim Grande	50\$00
Sebastião Caetano — Pena (Salir)	20\$00
António da Luz Cabrita — Loulé	20\$00
Manuel Fernandes — Paris (França)	20\$00
José Maria Mendes — Loulé	20\$00
Inácio dos Santos Dias — Loulé	1\$00
Maria da Piedade Reis — Loulé	1\$50
Henrique Martins Mestre — Gonçinha	1\$00
Maria José Mendes — Gonçinha	1\$50
Lucinda Cristina — Gonçinha	1\$50
Manuel José Farias — Fonte de Agra	2\$50
Maria da Conceição Mendes — Gonçinha	5\$00
Manuel Gonçalves Salgado — Loulé	50\$00
D. Ermelinda Dias Esteves — Loulé	5\$00
Anónimo — Loulé	2\$50
D. António Provisório — Quinta do Freixo	500\$00
Joaquim Viegas Casalheira — Vale de Eguas	100\$00
José Pedro Algarvio — Loulé	100\$00
Dr. Nunes Guerreiro — Lisboa	50\$00
A Transportar	26.401\$00

VENDE-SE

Um armazém e uma morada de casas, na Avenida Marçal Pacheco.

Tratar com Viúva de João Caetano de Sousa Leal — LOULÉ

Emigração clandestina

Com pedido de publicação, recebemos da Junta de Emigração o comunicado que a seguir publicamos:

Foram ultimamente detidos na fronteira francesa mais portugueses que pretendiam emigrar clandestinamente para França.

O Tribunal de Bayonne pronunciou uma medida de expulsão contra aqueles portugueses que pretendiam emigrar clandestinamente para França.

Mais vitimas, portanto, de falsas informações de agentes de emigração clandestina que as exploraram e contra os quais a Polícia Internacional e de Defesa do Estado está exercendo a sua ação.

A Junta da Emigração, mais uma vez, sente a necessidade de informar que não é posto obstáculo à pretensão de emigrar para França ou outro qualquer país, desde que os interessados satisfaçam as condições legais.

E não só não tem posto obstáculos, como até, sobretudo em relação à França, tem esta Junta recrutado, através das Câmaras Municipais, trabalhadores portugueses requeridos por empresas francesas idóneas por intermédio do «Office National d'Imigration».

Assim, em relação aos dois primeiros meses deste ano já emigraram legalmente para França 381 portugueses, que partiram com todas as garantias de emprego, de protecção por parte das autoridades francesas e livres para visitarem ou regressarem ao País quando entenderem.

Os seus processos só demoraram na Junta o tempo mínimo indispensável para satisfazerem as formalidades necessárias.

Lisboa, 19 de Março de 1957.

O Presidente,
a) António Manuel Baptista

**MENORES
em idade escolar**

Por despacho do Sr. Ministro das Corporações e Previdência Social, datado do mês de Janeiro último, foi determinado que as Casas do Povo, as Casas dos Pescadores e os Grémios da Loura, bem como quaisquer outros organismos corporativos participem à Inspeção do Trabalho para esta, nos termos da lei, levantar os competentes autos de noticia, das infrações de que tenham conhecimento ao disposto no artigo 35º do Decreto n.º 38.969, de 27 de Outubro de 1952, que prevê a aplicação de penalidades a quem, durante o funcionamento das aulas, empregar menores de idade escolar.

Aquelas palavras, «comer e beber», ainda deixaram uma réstia de esperanças aos pobres grilhetas; julgou-se que o fidalgo endurecido estava liberal e bem disposto, e vê de começar a falar-se nas necessidades urgentes da família, na fome da mulher e dos filhos; insinuou-se mesmo que era no inverno a melhor época para a plantação, e agora a estação própria para as sementes de cada um.

Então a cólera começou a ferver cada vez mais no coração do feio dominador, a sua voz soltou-se como um trovão de dentro dum garganta aberta e clamou: «Muito bondoso sou eu, e até de mais! Se soubesse que há na Polónia um homem digno disso, quem lhe beijava os pés era eu. Quanto a vós, sois exigentes e arrogantes! Aqui, tendes filho e novilho, pavimento e compartimento, e ainda não estais satisfeitos. Mas eu vos farei mansos e humildes, tão certo como eu ser João von Stoffeln; e, se no prazo de um mês, as cem faias não estiverem cá em cima, mandarei chicotear-vos, até que não fique de vós o comprimento de um dedo, e as mulheres e crianças atirar-las-ei aos cães!»

Nem um só ousou abrir a boca, e também a nenhum apececeu a bebida ou a comida. Foram-se empurrando, após ter

NÃO ESQUEÇA

às 2 horas do dia 7

Por determinação oficial

No próximo dia 7 de Abril os relógios serão adiantados 1 hora, entrando-se na Hora de Verão

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos em Abril:

Em 1, os srs. Arquitecto Eurico Pinto Lopes, residente em Lisboa e Octávio Rodrigues Conterras, o menino Francisco Manuel da Ponte Gonçalves Madeira, residente em Vila Real de Santo António e a menina Maria da Silva Guerreiro.

Em 3, os srs. José Guerreiro Farrajota Cavaco, Francisco José Ramos e Barros Júnior e Eng. Alexandre Guerreiro Correia Frade, residente no Porto.

Em 4, a sr.ª D. Maria Iolanda Pinheiro Pinto.

Em 7, a menina Marinete de Brito Andrade.

Em 8, o sr. João Manuel da Conceição Domingues.

Falecimentos

— Com a idade de 68 anos, faleceu em sua casa de residência, no sítio da Gonçincha, no preterito dia 25, o sr. António Nunes Pedro, que deixava viúva a sr.ª D. Maria Baptista Nunes e era pai das sr.ªs D. Maria Baptista Nunes Correia, D. Barbara Baptista Nunes Correia, D. Julia Baptista Nunes e D. Angelina Baptista Nunes e dos srs. António Baptista Nunes, nosso prezano assinante em Lisboa e Eduardo Baptista Nunes, também residente em Lisboa; era sogro da sr.ª D. Idalina Pereira Nunes e dos srs. Manuel Bartolomeu da Piedade, residente nos E. U. A.; Ma nela da Silva Vaz, nosso prezano assinante em Lisboa e Manuel Martins Seminário, residente em Moçambique.

— No preterito dia 24 do corrente, faleceu em sua residência, na Avenida José da Costa Mealha, a sr.ª D. Ernestina Albino das Dores Evangelista, de 67 anos de idade, viúva de Francisco de Assis da Franca Leal e funcionária dos Correios, aposentada, natural da freguesia de S. Pedro, concelho de Faro.

A extinta, que durante 36 anos chefiou o Posto dos C. T. T. de Loulé, era bastante estimada na nossa vila, tendo o seu funeral constituído uma sentida manifestação de pezar, a que «A Voz de Loulé» se associa.

A's famílias enlutadas endereçamos os nossos sentidos pezames.

Actividades da Casa do Algarve

A Direcção da «Casa do Algarve» deliberou, na última reunião:

— Incumbir as suas Comissões Cultural e de Turismo e Propaganda do estudo dos elementos com que o Algarve poderá fazer-se representar no «Museu de Huila», recentemente criado em Sá da Bandeira [Angola], pelo Sr. Ministro do Ultramar, tendo em especial consideração o facto de se tratar da província metropolitana que maior número de descendentes conta em todo o vasto Sul de Angola;

— Registar o mais vivo agrado pelo apoio do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Faro, Dr. Luis Gordilho Moreira, à ideia da construção de um Jardim-Escola João de Deus, naquela cidade, e pela oferta do terreno que para o mesmo estabelecimento é feita pelo benemérito farense e presidente honorário da Comissão de Beneficência da «Casa do Algarve», Sr. Coronel M. Aboim Ascensão de Sande Lemos, à Associação de Jardins-Escolas João de Deus;

— Tomar conhecimento da criação no Porto, de uma Comissão «Pró-Algarve», para tratar, naquela capital, de todos os assuntos que se relacionem com os interesses da Província e dos algarvios ali residentes, oferecendo-lhe todo o apoio e os mais sinceros propósitos de mútua colaboração;

— Felicitar os Srs. Generais António Epifânia Antunes Cabrita e Leônio Aleluia da Costa Lopes, pela sua promoção ao dito posto, e o distinto escultor, sr. Rogério Paletti Berger, secretário da Comissão Cultural da colectividade, pelo seu agracamento

TORNEIO POPULAR

DE

FUTEBOL

COM inicio no dia 7 de Abril, realizar-se-á este ano na nossa vila um «Torneio Popular de Futebol» com a participação das seguintes equipas:

Futebol Club Almancilense, Barreiras Brancas Futebol Clube, Juventude Sporting Campinense, Clube de Futebol Ponto Azul, Sporting Club «Os Leões» de S. Sebastião e Grupo Desportivo «Os Unidos».

O Torneio será disputado em duas jornadas, realizando-se dois desafios cada dia.

Serão atribuídas 3 valiosas taças às equipas melhor classificadas e ainda outras 3 taças «de consolação» às restantes.

Pela numerosa assistência que compareceu à reunião preparatória deste Torneio, prevê-se grande interesse pelos desafios a efectuar.

Centenário Frederico Guilherme Oliveira Mendes Abóbora

Este distinto oficial da G. N. R. que em missão de serviço freqüentes vezes viam em Loulé, teve a gentileza de nos apresentar cumprimentos de despedida, pois foi colocado como comandante da Secção da G. N. R. aquartelada em Niza.

Os nossos cumprimentos e desejos de felicidades no desempenho do seu novo cargo.

Ajudante de guarda-livros

Com larga prática de escrituração, oferece-se.

Nesta redacção se informa.



Automóveis

e todos os veículos motorizados. Para compra ou venda tratar com Basílio do Nascimento.

Rua da Barbacã, 24 — Loulé.

com o oficialato da Ordem da Instrução Pública:

— Aprovar a publicação, proposta pela Comissão Cultural, do 4.º volume da coleção «Estudos Algarvios», da autoria do Sr. A. Xavier da Fonseca, sob o título «A defesa da economia agrícola algarvia» e com considerações preliminares e finais do economista Sr. Dr. A. de Sousa Pontes.

Gratidão

Joaquim Francisco Grosso, residente na Picota (Gilvrazi) não podendo esconder a sua satisfação pelo exito com que decorreu a operação a que se submeteu no Hospital de Loulé, vem por este meio tornar pública a sua gratidão ao distinto operador Ex.º Sr. Dr. Manuel Cabeças, pelo zelo, competência e dedicação com que o operou no Hospital desta vila, possibilitando o seu completo restabelecimento.

Torna extensivo o seu agradecimento aos médicos assistentes Ex.º Srs. Drs. Angelo Delgado e Teodoro de Sousa Pedro, pela prontidão e carinho, com que o trataram, visitando-o assiduamente e providenciando tudo o que foi julgado necessário para atenuar o seu sofrimento.

Igualmente agradece aos enfermeiros sr.º D. Elisabette Esteves e sr. Maltesinho, pela dedicação e cuidados com que o trataram durante a sua permanência no Hospital, assim como ao restante pessoal de enfermagem.

Para todos vão pois os protestos da sua maior gratidão.

A Voz de E!

Santuário de Nossa Senhora da Piedade

(Continuação da 1.ª página)

da matéria nele contida, viemos por esta, na qualidade de membro do Júri e de arquitecto, interessado nos problemas da Arte Religiosa, prestar um esclarecimento público, pedindo a bondade de V. Ex. a cedência de algum espaço do jornal que dirige, para o efeito.

Começa o artigo em questão por dizer, ao anunciar a constituição do Júri, que os arquitectos Nuno Teotónio Pereira e José Maya Santos estavam em representação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa.

Não é isto exacto visto que os dois citados arquitectos foram convidados pessoalmente por Sua Ex.º o Senhor Bispo do Algarve somente como arquitectos e, dentro do que estipulava o regulamento do concurso, como «membros escolhidos por ele». Trata-se neste caso, portanto, de um equívoco, resultante talvez da circunstância de os dois arquitectos pertencerem de facto ao dito Movimento.

Ao tocar na finalidade da obra de arte, aliás como opinião pessoal — mas por sair à publicidade com responsabilidades maiores — criei o artigo um estado de confusão a quem lê: «Vê-se que, com esta obra se dá o mesmo que com o monumento ao Infante de Sagres a preocupação do absolutamente inédito, do absolutamente novo, do absolutamente contra o comum, que é revolucionário».

De certa maneira e por todos os séculos a obra de arte, obra do espírito do homem, criação, foi sempre revolucionária. Nem de outro modo se poderia conceber uma obra de arquitectura, de escultura ou de pintura.

O que não é absolutamente inédito na sua concepção, é corriqueiro, é repetido, é, de certo modo, mediocre. Toda a obra de arte exige o inédito, que não é o inusitado. É um inédito que da tradição aproveita o exemplo de actualidade, na sua época, das obras do passado, e que está de acordo com a cultura do tempo, de que, aliás, a obra de arte é expressão.

«Novo, moderno, há-de ser coisa viva e vital, linguagem sincera como a própria voz, dom humilde e generoso do artista, na obra realizada. Arte que se não renova é arte morta.» (Card. Patriarca, pastoral 1955) Não serão inéditas as pirâmides do Vale de Gizeh, o Partenon de Atenas, as catedrais românicas e góticas ou a Torre Eiffel?

O que não é absolutamente pessoal, é impersonal. É incharacterístico e irreconhecível, não é fruto de um espírito criador. O artista se tem gênio, é semelhante ao Criador: tira-a (obra de arte) do nada, dá-lhe o nome, imprime-lhe a linguagem adequada, faz-lhe viver por si. (Card. Patriarca, idem) Serão impersonais os Lusitanos, as Pietás de Miguel Ângelo ou as arcadas de S. Pedro de Bernini?

O que não é absolutamente novo é velho. Não se pode fazer obra de arte já usada. As que foram feitas anteriormente, foram-no uma vez. A obra de arte nova não as ressuscita; olha-as, venera-as, estuda-as, mas não as copia, porque se o fizesse traíás-as. Já não era criação. «Novidade originalidade profunda, criação sincera, harmonia viva. O artista verdadeiro nunca faz obra igual, mesmo quando faz a mesma.» (Card. Patriarca, idem) Não serão absolutamente novas as sinfonias de Beethoven e as de Haendel, os quadros religiosos de El Greco e os de Goya, a arquitectura civil de Alberti e a de Palladio?

O que não é absolutamente novo é velho. Não se pode fazer obra de arte já usada. As que foram feitas anteriormente, foram-no uma vez. A obra de arte é obra de exceção, não pode ser fruto de uma rotina, como coisa que todos os dias se faz. Não há mesmo obras de arte comuns. Não serão completamente contra o comum os Jerónimos ou Alcobaça, as Sés de Évora ou de Silves, Nuno Gonçalves ou Frei Carlos?

Não houve nem poderia haver em todas as obras de arte citadas, ou em muitas outras sobejamente conhecidas, «um mínimo de transigência com o gosto comum», como propõe o artigo. Aliás não há gosto comum, nem a arte se equaciona em dois caminhos, ou dilema: ou «falar às almas» ou «fazer arte pela arte», como faz depreender o artigo. A obra de arte, falando a linguagem do seu tempo, será ou não acessível pelo tema escolhido, mas nunca se baseará num compromisso, deliberadamente tomado e anterior à concepção, com um problemático gosto comum. Não quereria aqui o autor do artigo significar antes: um mínimo de inteligibilidade, em vez de transigência com o gosto comum? Ou como diz S.º Em.º o Card. Patriarca, coerência — «Coerência com a comunidade de fiéis, sim. Mas coerência sem quebra da virginidade da arte, para a realização do próprio fim.»

Absolutamente de acordo, nem de outro modo poderia ser, com que «um suntuário tem de nos dar ambiente de oração e elevação da alma que se praticam da mesma forma e com o mesmo estado de espírito que há vin-

te séculos e que daqui a outros tantos», como diz o artigo. Mas o que tem de se vincar aqui com nitidez é que o Mosteiro da Batalha é a antese construtiva e especial da Sé de Lisboa, por exemplo. E nos dois casos temos de certeza ambiente para orar e sentir elevação da alma. Não foi preciso copiar o românico ou mesmo estilizá-lo, como hoje se pretende, para glorificar a Nossa Senhora nos campos da batalha de Aljubarrota. Parece até que o Mosteiro da Batalha é belo e digno por ser uma obra pura, feita com os recursos e processos da sua época, com as características arquitectónicas actuais, no seu tempo, em estilo gótico, chame-mo-lhe assim.

Diz-se também no artigo que «o modernismo em arte religiosa há-de limitar-se ao acidental e respeitar o essencial». Se há modernismo, isto é, preocupação de fazer moderno adoptando modas fugazes e fazendo exercícios de arquitectura (pensamos ser este o significado da palavra tão em voga modernismo), ele nunca poderá ser legítimo na arte religiosa, nem sequer no acidental. Estamos perante a Casa de D. us, não diante de pavilhão de exposições caducadas.

Se há modernidade, actualidade se se quizer, ela é legítima, mas é condição da própria arte religiosa... mas abramos todas as portas e resolvemos o acolhimento mais sincero a todo o desenvolvimento justo e progressivo das boas e veneráveis tradições que, durante tantos séculos de vida cristã, numa tal diversidade de ambientes e condições sociais e técnicas, deram tantas provas da sua capacidade inextinguível de inspirar formas novas e belas, sempre que foram interrogadas ou estudadas e cultivadas à dupla luz do génio e da fé. (S.º Pio XI, 27/Out/1932).

Não foi, portanto, com esse entendimento a presidir aos seus trabalhos, como o autor do artigo aponta, que o Júri decidiu não atribuir o primeiro prémio, o que aliás ressalta da própria acta já tornada pública.

Não foi por serem modernos que os trabalhos não tiveram a compensação máxima, mas sim porque «apesar de serem modernos não tinham qualidades suficientes para serem anuladas as graves deficiências neles contidas.

Achámos imprescindível este esclarecimento, quando se tenta fazer, a partir de uma opinião pessoal, doutrina em matéria grave e principalmente quando se atribuem declarações ou propósitos ao Júri, por palpite, com todas as consequências de confusão na opinião pública, como é o caso de um artigo em jornal. O facto ainda é mais agravado pelo remate que o artigo encontrou ao dizer:

... e esperamos que os concorrentes, já melhor elucidados pelos resultados deste, procurem satisfazer convenientemente as exigências da Arte Religiosa. Isto poderá levar a crer que o concurso funcionou como um aviso, para se conseguir determinado estilo ou orientação nos trabalhos a apresentar, principalmente quando atrás se fazia crer que tudo o que era novo, pouco comum, pessoal e inédito era desaconselhável. Keptemos: poderá ser uma posição pessoal — respeitável, mas não a posição do Júri.

Agredendo antecipadamente a publicação desta, subscrevemo-nos respeitosamente e com muita consideração.

José A. Maya Santos

Desastre de viação

(Continuação da 1.ª página)

familiar que haviam gosado e pensavam no doce regresso ao seu tranquilo lar,

A alturas do Vale Maria Dias, em plena serra do Caldeirão, entre a Cortelha e Vale da Rosa, numa curva da estrada, surge-lhes como um monstro apocalíptico, a figura de um camion carregado de madeira, de uma conhecida firma de Monsanto-Alcanena, que do Porto conduzia esse carregamento para Faro. E, quando menos se espera, quando a vida decorre com a maior placidez e satisfação, o trágico Destino ceifa impiedosamente duas vidas e lança para a prisão um motorista, que, possivelmente, sucumbiu a um ataque de sono e ficou com a sua vida profissional desfeita.

Se realmente foi sono e esse sono é consequência de forçada vigília no trabalho, quere-nos parecer que há três vítimas a lamentar. Se foi imprudência, a ficará bem castigada, além

(Continuação da 1.ª página)

e ainda por na família ter

dois jornalistas.

Creio que

nos está na massa do sangue.

Eis porque peço, Sr. Director,

toda a boa vontade e sincera

colaboração de V. Ex.º para

este caso.

Não conheço os trabalhos

dos restantes concorrentes

mas como fiquei à cabeça da

classificação, venho justificar

o meu trabalho, pois julgo

que a ele se referem algumas

linhas desse artigo.

Quanto ao ambiente reli-

gioso, constituiu este ponto

no nosso trabalho o expoente

máximo da nossa preocupa-

ção. Outra coisa não poderia

esperar-se de quem nasceu e

foi criado no seio de uma fa-

mília cristã e frequent